

ALTMAN, C. ; ZWARTJES, O. (eds.). *Missionary Linguistics II. Lingüística Misionera II. Orthography and Phonology.* **Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. 292 pp.**

Luciana GIMENES¹

O livro *Missionary Linguistics III/ Lingüística Misionera II. Orthography and Phonology* é o segundo número da série dedicada a publicar trabalhos apresentados nas conferências internacionais sobre Lingüística Missionária, promovidas pela Universidade de Oslo². Os encontros anuais são realizados em colaboração com diferentes universidades – o segundo realizou-se na Universidade de São Paulo, em março de 2004, organizado pelo grupo do CEDOCH-DL-USP, coordenado por Cristina Altman.

A segunda publicação da série contempla preferencialmente trabalhos centrados no exame do nível fonético/fonológico, diferentemente do primeiro volume, que não predefiniu um nível de análise a ser focado. Além de trabalhos apresentados na II Conferência, o *Missionary Linguistics II* inclui dois artigos de autores convidados – Astrid Alexander-Bakkerus e Julio Calvo –, e também a comunicação de Thomas C. Smith-Stark, apresentada na I Conferência.

No prefácio ao livro *... and the Word was God*, de 1996, Even Hovdhaugen destacava a importância do estudo das gramáticas confeccionadas no âmbito das Missões para a reconstrução da história da lingüística. Inovações significativas no campo do conhecimento sobre as línguas/a linguagem, bem como no do tratamento de dados lingüísticos, se desenvolveram no contexto da evangelização de povos nativos das colônias européias. A despeito da importância dessa área de pesquisa, Hovdhaugen lamentava a pouca atenção dispensada pelos historiógrafos às gramáticas missionárias. Dez anos mais tarde, a situação da área é muito

¹ Letras – UNICID - São Paulo – SP – Brasil – CEP:03071-000 – E-mail: lugimene@uol.com.br.

² As conferências internacionais são realizadas no âmbito do Projeto de Lingüística Missionária de Oslo (OsProMil), que tem por objetivo promover a pesquisa sobre descrições de línguas não-indo-européias, escritas entre os séculos 16 e 19. O projeto, fundado em 2002, é dirigido por Otto Zwartjes.

distinta, e a pesquisa histórica sobre a lingüística missionária – não apenas sobre a gramática, mas também sobre descrições lexicográficas, estratégias de tradução, práticas e políticas lingüísticas – tem atraído cada vez mais a atenção dos estudiosos. A variedade dos trabalhos reunidos no volume aqui resenhado atesta o crescente interesse: são 12 artigos sobre descrições de diferentes línguas nativas das Américas portuguesa e espanhola e da Ásia, recobrando um período que vai do século 16 ao 18.

Ao examinar descrições de línguas não-européias, que freqüentemente não se deixavam apreender pelo modelo gramatical greco-latino, a historiografia da lingüística missionária busca determinar até que ponto as línguas-objeto teriam sido “adaptadas”, consciente ou inconscientemente, para que se encaixassem ao molde de descrição. Ou, diferentemente, até que ponto soluções criativas, que teriam influenciado os caminhos que a lingüística seguiria a partir de então, teriam emergido desse contexto.

A primeira e a segunda parte da obra reúnem os trabalhos sobre descrições de línguas ameríndias, e a terceira, sobre descrições de línguas asiáticas.

No artigo *Phonological description in New Spain*, Thomas C. Smith-Stark examina um vasto *corpus* de descrições de línguas da América Espanhola pertencentes a seis diferentes famílias, produzidas por 20 autores, entre 1547 e 1767. Smith-Stark contesta a visão tradicional de que as gramáticas missionárias seriam pobres no que concerne à descrição fonológica. Ele demonstra que os gramáticos perceberam e registraram muitos sons não existentes em suas línguas maternas – novidades do ponto de vista articulatorio e também prosódico. Além disso, os autores examinados teriam sido capazes de interpretar fonologicamente os dados fonéticos registrados, bem como de sistematizar as possibilidades de ocorrência desses sons em cadeia.

Cristina Monzón enfoca os modos de representação e transcrição ortográfica dos sons da língua tarasca em materiais do século 16, tais como estabelecidos pelos missionários Maturino Gilberti e Juan Baptista de Lagunas, no artigo *Tarascan Orthography in the 16th Century: The Franciscan Sources of Inspiration and their Analysis*. O trabalho se pauta na busca e explicitação de influências – a formação dos autores, sua língua materna e seus referenciais metalingüísticos –, que seriam detectáveis nas soluções descritivas empregadas pelos dois gramáticos franciscanos.

Em *La representación escritural del maya de Yucatán desde la época prehispánica hasta la colonia: proyecciones hacia el siglo 21*, Ramón Arzápalo Marín aborda a imposição do alfabeto latino aos maias da península de Yucatán, política que provocou a extinção de seu sistema de escrita. Os maias possuíam um sistema de escrita de natureza ideográfica, que foi classificado como demoníaco e posteriormente banido das Missões. Arzápalo analisa a adaptação dos sons da língua indígena ao alfabeto latino, por meio da comparação de doze diferentes propostas de transliteração, elaboradas por descritores europeus entre 1620 e 1921. Paralelamente, o autor identifica, ainda, certas estratégias de resistência por parte dos nativos, detectáveis em textos escritos por autores maias, em caracteres latinos.

No artigo *Traducción, préstamos y teoría del lenguaje: La práctica transcultural de los lingüistas misioneros en el México del siglo 16*, Klaus Zimmermann discute a transmissão de conceitos cristãos pelos espanhóis aos astecas e avalia que a necessidade prática de tradução entre culturas marcadamente distintas levou os missionários a descobrirem a especificidade dos recortes semânticos que cada língua/cultura efetua. Por essa razão, a estratégia da tradução transcultural, inicialmente utilizada por eles, foi substituída pela imposição de empréstimos do espanhol, a fim preservar os significados que se perdiam nas traduções; já que, freqüentemente, não era possível encontrar equivalências satisfatórias. Os missionários teriam, assim, entrevisto a questão do relativismo lingüístico, ainda que não tenham chegado a elaborar teoricamente esse conceito, porque seus objetivos naquele momento eram essencialmente práticos.

O estudo *Fonología y ortografía de las lenguas indígenas de América del Sur a la luz de los primeros misioneros gramáticos*, de Julio Calvo Pérez, sistematiza descrições fonológicas realizadas em gramáticas do Quéchua, Aymará, Mapuche, Mochica, Chibcha e Tupi ou Tupinambá³. Assim como Cristina Monzón, que busca evidenciar influências, Calvo toma como pano

³ Calvo examina a gramática de José de Anchieta, que tem por título *Arte de Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*. A denominação da língua descrita nesta gramática é, como se sabe, objeto de discussão. Se preferirmos a designação genérica da língua que foi falada em grande extensão da costa brasileira, esta seria, segundo Navarro (2005), Tupi. Rodrigues (1996,1997), diferentemente, chama de Tupi a variação dialetal falada na costa de São Vicente até o Rio de Janeiro, e de Tupinambá a variante falada a partir desse ponto até a Bahia. Considerada essa distinção, Anchieta registra, segundo Rodrigues, o Tupinambá. Julio Calvo, porém, evita o problema, ao chamar a língua descrita na gramática de Tupi-Guarani – nome da família lingüística a que pertencem o Tupi e o Guarani –, designação, portanto, inadequada (para uma crítica a essa designação cf. Edelweiss, 1947).

de fundo de sua pesquisa o sistema fonético-fonológico das línguas maternas dos autores, e as gramáticas que, por hipótese, lhes teriam servido de referência.

Even Hovdhaugen examina descrições da língua peruana Mochica elaboradas no século 17, no trabalho *How Was Mochica Being Pronounced?*. Hovdhaugen analisa os dados registrados tendo em conta, basicamente, as consistências e inconsistências ortográficas dos autores dos registros, bem como os critérios de notação dos sons utilizados, em confronto com o instrumental metalingüístico de descrição fonético-fonológica de que dispunham. Com base na interpretação dos dados lingüísticos registrados, bem como na crítica a análises modernas realizadas por outros pesquisadores, apresenta a sua proposta de reconstrução dos sons da extinta língua Mochica. Observe-se que, neste trabalho, a autora não se limita ao estudo e reconstrução dos métodos de descrição lingüística (historiografia lingüística), mas ingressa também no domínio da reconstrução da língua (lingüística histórica).

O estudo de Astrid Alexander-Bakkerus, *Cholón Sounds Reconstructed: A symbol analysis*, de forma análoga ao de Hovdhaugen, apresenta uma proposta de reconstrução de uma língua extinta. A autora interpreta a descrição dos sons do Cholón, falado no Peru, realizada por Pedro de la Mata na obra *Arte de la lengua cholona* (1748). A gramática apresenta inconsistências na notação dos sons; e, a fim de determinar quais fonemas os símbolos registrados representavam, Alexander-Bakkerus analisa essas inconsistências, em relação a: em primeiro lugar, observações feitas pelo autor da gramática; em segundo, outras descrições disponíveis da mesma língua; e em terceiro lugar, dados gravados pela autora, em entrevistas com descendentes de falantes de Chólón.

Yonne de Freitas Leite propõe um critério para avaliação de descrições gramaticais no artigo *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil: A criterion for evaluation*. O critério diz respeito à possibilidade, ou impossibilidade, de se submeter os dados lingüísticos registrados em uma gramática a uma reanálise. Quando a reanálise é possível, a autora entende que a descrição realizada é satisfatória, independentemente dos referenciais metalingüísticos nela adotados, já que, quaisquer que sejam, não prejudicaram os dados, que podem ser revistos sob outras perspectivas. Leite aplica esse critério à avaliação da gramática de José de Anchieta, *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de 1595. Esta autora

reinterpreta os dados compilados por Anchieta no quadro de três diferentes teorias modernas e conclui que os dados se prestam à reanálise, o que atesta o valor e a qualidade da gramática.

O dicionário latino de Ambrogio Calepino, de 1502, serviu de base a vários dicionários publicados entre os séculos 16 e 18. Nas sucessivas versões elaboradas, se foram incluindo novas línguas à obra. No trabalho *The Adaptation of the European Polyglot Dictionary of Calepino in Japan: Dictionarium Latino Lusitanicum, ac Iaponicum (1595)*, Emi Kishimoto discute a adaptação que resultou na versão de 1595 do dicionário, publicada pela Companhia de Jesus, em Amakusa, Japão, feita com o propósito de ensinar latim aos japoneses, e japonês aos europeus. Kishimoto estabelece que a edição de Lion, de 1570, teria servido de base à confecção do dicionário japonês e descreve mudanças introduzidas nesta versão, a fim de tornar o material mais útil e prático para o usuário.

Emilio Ridruejo identifica o estabelecimento de uma tradição gramatical própria na descrição de línguas nativas das Filipinas, no artigo *Las ligaduras en las gramáticas misioneras filipinas del siglo 18*. Como os missionários reconhecessem que as línguas do Arquipélago tinham a mesma tipologia, era comum que, ao trabalhar em uma descrição, levassem em conta as obras produzidas anteriormente sobre as línguas filipinas. Esse intercâmbio entre os autores permitiu que uma tradição gramatical se delineasse. Para demonstrar a existência de tal tradição, Ridruejo mapeia o percurso da noção de *ligadura*, cunhada no contexto das gramáticas missionárias filipinas, para dar conta de certas características morfofonológicas das línguas nativas de difícil classificação por meio do modelo latino.

No estudo *Análisis del Arte de la lengua Pangasinán (1690) de Fray Andrés López*, Joaquín Sueiro Justel chama a atenção para alguns aspectos da obra sob estudo que considera bastante originais: López teria privilegiado a descrição da língua em uso em detrimento de uma norma padrão; teria encontrado soluções criativas para lidar com as diferenças tipológicas entre o modelo metalingüístico latino e a realidade da língua objeto, o que produziu uma descrição da morfosintática da língua indígena bastante acurada; e, por fim, teria ainda discutido em sua gramática questões tradutológicas. Justel destaca a importância de mais estudos sobre as descrições missionárias de línguas da Ásia, já que, diferentemente da tradição americana, a asiática recebeu até hoje pouca atenção.

Masayuki Toyoshima apresenta o artigo *Phonetic Spellings in Historical Context vs Idiolect: Two Japanese grammars by João Rodriguez Tçûzu and his holograph documents*, em que analisa as descrições fonéticas realizadas nas duas gramáticas do jesuíta português João Rodrigues Tçûzu – *Arte da lingoa de Japan* (1604) e *Arte breve da lingua Japoa* (1620) –, em contraste com rascunhos e cartas produzidos pelo missionário. Toyoshima demonstra, por meio da grafia empregada nas gramáticas, que Rodrigues teria criado um autêntico sistema de notação fonética, com base no seu idioleto. Sendo assim, a interpretação tradicional dessas descrições, com base na fonologia histórica do português medieval, estaria equivocada, já que o quadro de referência de Rodrigues, segundo o qual suas notas deveriam ser interpretadas, teria sido o seu idioleto.

Os trabalhos reunidos na obra proporcionam uma boa visão da área da Historiografia da Linguística Missionária, campo que busca reconstruir e mapear as diferentes soluções descritivas engendradas no contexto da gramaticização de línguas não-européias que se tornaram conhecidas a partir da Renascença. Esse contexto, em função das dificuldades que impôs aos descritores, foi especialmente propício à criatividade e à inovação, e por isso merece ser investigado.

O volume traz, ao final, dois índices – um de nomes biográficos, e outro de termos gramaticais/linguísticos – e também uma lista com endereços dos autores.

Referências

EDELWEISS, F. *Tupis e Guaranis*. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde, 1947.

HOVDHAUGEN, E. (ed.). *...and the Word was God. Missionary Linguistics and Missionary Grammar*. Münster: Nodus, 1996.

NAVARRO, E. *Tupi, termo genérico e específico já no século XVI*. Manuscrito, 3 pp., 2005.

RODRIGUES, A. *As Línguas Gerais Sul-Americanas*. *Papia, Revista de Crioulos de Base Ibérica* 2: 4. p.6-18, 1996.

_____. *Descripción del tupinambá en el período colonial: el Arte de José de Anchieta*. In: ZIMMERMANN, K. (ed.). *La descripción de las lenguas*

Missionary Linguistics II. Lingüística Misionera II

amerindias en la época colonial. Bibliotheca Ibero-Americana. Vervuert:
Iberoamericana., 1997. p.371-400